

# A criatividade liberada: "domingo, terra-a-terra"

Texto: Frederico Moraes

Fotos: Carlos Alberto Felício e Raul Pedreira Filho



Isolada no seu canto, a velha senhora continuou fazendo sua colcha de retalhos, iniciada pacientemente há muito tempo. Com os trapos do MAM adiantou um pouco mais o trabalho



A moça reinventou a roupa usando trapos que encontrou à sua disposição no «Tecendo do Domingo».

O Museu de Arte Moderna do Rio realiza hoje, de 9 as 19 horas, a quarta manifestação da série "Domingo da Criação" — livro de criatividade com novos materiais. Antes foram realizadas "Um Domingo de Papel", "O Domingo por um Fio" e "O Tecido do Domingo". Hoje será a vez da terra, da areia, do cal, do cimento, do cascalho e do alabro, da argila e do barro, da pedra britada. E o "Domingo, terra-a-terra". Será a mais radical e arrojada das manifestações, devido ao volume do material — vários caminhões de terra, brita, areia, etc. — e à dificuldade do transporte. Arrojada inclusive no que toca a sua organização, pois trará problemas de arrumação e limpeza, sobretudo depois de encerrada. Arrojada principalmente porque exigirá do público (mais do que dos artistas, como iremos ver depois) muita imaginação, inventiva e originalidade. Pois nas três manifestações anteriores fez-se uso de materiais mais ou menos afins ou pelo menos que estavam levando à realização de trabalhos muito semelhantes. Por exemplo, em quase todas as manifestações foram feitas roupas, bonecos e peças decorativas. Se no domingo do papel houve um comportamento mais coletivo, se no domingo do fio as propostas foram mais individualizadas, no domingo do tecido, devido à música e a participação do grupo teatral "A Comunidade" transformou-se em um espetáculo ritualístico e coreográfico de grande beleza visual. Mas aqui, uma parte do público parou para olhar — tão bonito que era. Mas o fio e no tecido muita gente ficou preocupada com a qualidade e valor do material (fios de cobrir peça de pano) ao invés de fazer coisas, transformar a sucata, injubir-se e até, em alguns casos, levou o material pra casa. Na verdade, o valor era quase nenhum, porém, como diz o Chacrinha, se você abrir uma lata de pastilha Valda, ninguém precisa, mas como é de graça em dois minutos ela estará vazia. Mas como levar a terra ou mesmo a obra feita com terra? Nada mais necessário do que areia ou brita. Ela não dura e se transforma rápida e continuamente. Algo bíblico: tu veste do pó e a ele retornarás. "O Domingo terra-a-terra", portanto, será a prova de fogo da criatividade. A proposta que estou desenvolvendo no MAM. Sei que toda repetição leva à rotina e a criação de estereótipos — estou consciente disso, como de resto todos os que têm colaborado comigo. Sei que uma parte do público é o mesmo — as manifestações ainda não atingiram o público mais distanciado do que os que residem nos subúrbios ou em bairros mais pobres. Sei que muitos dos que comparecem aos domingos da criação no MAM vêm apenas sair um débito com a cultura e a arte, ver um ritual. Mantendo a distância da criação, procuram divertir-se um pouco. Terminada a manifestação voltam para casa ou trabalho. Retornam a rotina da vida. Não importa. Mesmo nisso há muito mérito. Muitos sequer procuram refletir um momento sobre o que estão vendo e/ou fazendo. De nossa parte a autocritica é feita a cada manifestação, tendo à mão ampla documentação sobre a forma de fotos, filmes, fitas gravadas, etc.

## TERRA: TEMA E SUPORTE

Se a paisagem é um tema constante da história da arte antiga e moderna, só recentemente a terra, como matéria-prima ou suporte, passou a interessar ao artista plástico. A partir de 1922 alguns artistas norte-americanos, alemães, italianos e holandeses começaram a realizar trabalhos com e na terra, primeiro passo para o aparecimento da chamada "arte pobre" — expressão cunhada pelo crítico Germano Celant. Paralelamente desenvolveu-se a arte conceitual. E ambas, freqüentemente confundem-se com o que nos Estados Unidos foi chamado de "earth-work movement". Com efeito, em 1968 Váiter de Mazia realizou trabalhos em desertos e em 1968 realizou um trabalho em três continentes: uma linha horizontal no deserto do Sahara, uma vertical na Índia e um quadro nos Estados Unidos; as fotografias superpostas dos três continentes; uma linha horizontal no deserto do Sahara, uma vertical na Índia e um quadro nos Estados Unidos; as fotografias superpostas dos três trabalhos resultavam em uma cruz dentro de um quadrado; imagem que poderia ser conseguida em um só dia com a ajuda de um satélite. Michel Heizer fez várias escavações entre 67 e 69, dez em lagos secos de Nevada e oito em desertos da Califórnia. Richard Long realizou trabalhos sobre grama em 67/68, e fez um percurso de 10 milhas na Inglaterra, filmando cada meia milha à frente e atrás. Dennis Oppenheim fez desenhos com tratores em várias fazendas e distribuiu marcos de madeira nas faldas de montes. Outros artistas como Robert Morris, Robert Smithson, Jan Dibbets, Cildo Meireles, Luiz Alphonsus Guimarães, Luciano Gusmão, Osmar Dillon, estes últimos no Brasil a partir de 1969, realizaram vários trabalhos com e na terra. A "Dawn Gallery" de New York, foi a primeira a reunir os artistas dos Estados Unidos que trabalhavam nessa linha em uma exposição, o que determinou o aparecimento do "Earth-works movement". Seguiu-se a mostra de "earth art" no White Museum da Cornell University de NY.

UM PIONEIRO  
O Brasil tem, porém, um artista pioneiro da "arte pobre". Este, como não poderia deixar de ser, é Hélio Oiticica, um dos mais notáveis artistas plásticos do momento mundial. Com antecedência Oiticica realizou trabalhos com terra colcoada e materiais pobres, col-

cados em seus bôldos, núcleos, penetráveis ou rotundas "parangolé". Em muitos de seus trabalhos ambientais usou areia e brita, como em "Tropicália", de 1966. Em sua mostra da "Whitcheapel" de Londres montou um ambiente denominado "Eden" que incluía areia e outros materiais preciosos. Para o IV Salão de Brasília mandou uma capa de plástico que deveria ser vestida em um quadrado de areia, e participou de uma coletiva na Galeria Bonino com uma bacia contendo barro o qual deveria ser revolvido pelo espectador — aqui, porém, com luvas de borracha. Na mostra que organizou em 66 na Reitoria da Universidade de Minas Gerais eu e outros artistas co-criamos um trabalho de Hélio: um catote contendo brita.

Um outro artista que trabalhou com terra foi Franz Kralberg — em Ibiza, na Espanha, e em Habirito, Minas Gerais, fez quadros com terra, molhada que após ficar no sol rachava-se provocando efeitos aleatórios. E arrancou e transformou raízes. No Museu de Arte de São Paulo e no MAM do Rio Nelson Leiner apresentou trabalhos de participação coletiva nos quais usou areia.

ARTE/VIDA  
O artista pobre, como diz o próprio nome, trabalha com os chamados materiais não-divulgados, sem nobreza, com a lata industrial, detritos da paisagem urbana (o que chamei de "arqueologia do urbano" ou "memória da paisagem" urbana em trabalhos anteriores), borraça, papel, plásticos, água, terra, gelo, areia, grama, cordas, enfim, com o lixo. São os "raw materialists" e o que fazem, por sua aproximação com a natureza, à qual, de certa forma retornam, é uma espécie de "new naturalism". Ao trabalhar com estes materiais, o artista pobre quase nunca os reelabora. Ao usá-los "não expressa um julgamento estético nem procura um julgamento moral ou social", diz Celant. Seu trabalho é uma aproximação aos eventos naturais: o crescimento de uma planta, a reação química ou mineral, o movimento de um rio ou da neve, grama ou terra, a queda de uma pedra. Busca com isso uma identificação com os organismos vivos. Arte como vida, ou melhor, vida como arte/ação poética — como queria Tzara. "Em contato com as coisas vivas — afirma Celant — o artista descobre a si mesmo, seu corpo, sua memória, seus gestos". Vive em um contínuo experimentar — o que significa para Dewey, vitalidade elevada. Os artistas pobres levaram a um ponto extremo esta vontade de experiência, pois segundo ainda o crítico e historiador italiano, eles escolheram a experiência direta e não a representação, aspiram viver e não ver. Não querem fazer uma asserção, uma indicação de valores, um modelo de comportamento, mas propor uma experiência com a existência cotidiana. Por isso, como quer o próprio Celant, deixaram de se considerar artistas, buscando apenas aprender novamente a perceber, sentir, respirar, andar, compreender. Fazem-se homens. Criar arte, então, identifica-o com a vida e existir adquire o sentido de reinventar a vida a cada momento".

Tudo o que foi dito acima pode ser aplicado aos artistas que têm realizado trabalhos no âmbito das manifestações levadas a cabo pelo MAM do Rio. Estas, porém, têm um sentido ainda mais amplo. Nelas, a idéia de arte é substituída pela idéia de criatividade; arte-suporte é substituída pela ação. A manifestação de hoje e todas as anteriores não podem ser denominadas arte conceitual, pobre, "earth-work" ou qualquer outro nome.

A série "Domingo da Criação" não constitui um novo ismo, escola ou movimento. Sendo uma proposta da coordenação de cursos do MAM tem um caráter mais didático e pedagógico, educativo no sentido mais amplo. As manifestações visam liberar em cada um sua própria criatividade, desenvolver a imaginação a partir do olhar, da atividade. A ação criadora desenvolvida nas manifestações do MAM — e não apenas pelos artistas, mas sobretudo pelo público anônimo — estão ajudando a formar, no seu campo específico, uma nova imagem da sociedade que está surgindo. É a imagem-ação como define Alfred Willener: imagem/ação. As manifestações não se limitam portanto à realização de trabalhos de arte, por mais livres e originais que possam ser, nem tampouco reunir um grupo de artistas para no fim da semana realizar trabalhos diante do público, ritual cuja repetição tenderia à criação de estereótipos e à monclonia. O que se está propondo é realmente algo mais revolucionário. É uma cultura viva, alimentando-se da própria dinâmica da vida, do dinamismo de cada humano liberado. É isto que Jean Jacques Lebel diz em seu livro sobre "O Living Theatre": "Cultura vida, culturalização e também cultura em movimento. O efêmero se instala lá onde prevalece a esperança de imortalidade. O belo não é o que admiraremos amanhã, o belo é que se faz, o que cada um faz, o que os outros fazem e através do qual cria um apreensão e se reconhece. Imagina uma cultura "que não tem a mesma função nem o mesmo caráter" das "atividades criadoras individuais ou coletivas que, no lugar de se fecharem nos museus, se manifestariam em permanência na vida cotidiana, a partir diretamente sobre a transformação constante das relações humanas... estas atividades teriam sentido enquanto não tivessem privilégio de uma pessoa, de uma casta e, sobretudo, de uma classe".



Sob o comando de Amir Haddad, o grupo de teatro de vanguarda «A Comunidade» usa panos coloridos em um ritual coreográfico de grande beleza e impacto visual



Sobre o altar de terra, a oferenda. O artista Bário coloca uma de suas «trouxas-pães» sobre a areia



A arte como coisa normal, cotidiana, terra-a-terra. Descontraidamente, sentados no chão, todos criam livre e espontaneamente